

A personalidade de Sarney em sua vida parlamentar

Ricardo Hollanda

Em 1955, recém-chegado do Maranhão, o udenista José Sarney Costa, eleito deputado, chega ao plenário do Palácio Tiradentes, no Rio, onde funcionava então a Câmara dos Deputados, quando foi interceptado por um dos principais nomes que compunham os quadros da UDN à época, o baiano Otavio Mangabeira:

— Quem é o senhor?, interpelou Mangabeira.
 — Sou deputado pelo Maranhão, respondeu Sarney, orgulhoso.
 — Você não deveria ser deputado. Você deveria ser do jardim-de-infância, acrescentou Mangabeira.

Hoje, Sarney lembra o episódio rindo, mas na época saiu irritado e sem graça. Depois foi-lhe explicado que aos novos parlamentares somente era permitido permanecer ou sentar-se no fundo do plenário. Formado há pouco mais de dois anos como advogado, o representante maranhense possuía arraigadas convicções de cunho socialista, oriundas dos debates com os colegas estudantes acerca dos problemas do estado, que vivia na mais absoluta miséria. As pretensões reformistas com que Sarney chegou à Câmara, como suplente, foram logo podadas.

«Bossa nova»

Perspicaz, ele logo percebeu que não teria vez num plenário constituído de grandes figuras como Afonso Arinos, Carlos Lacerda, Euclides Figueiredo e outros. Passou então ao se projetar como político de bastidores, e formou a chamada «bossa nova da UDN». Esse movimento formado por jovens parlamentares udenistas lutava para acabar com o conservadorismo imperante no Congresso e por reformas sociais.

Com a eleição para a presidência de Jânio Quadros, o deputado José Sarney formou logo uma forte amizade com o secretário particular do presidente, o jornalista José Aparecido de Oliveira. Os dois passavam horas conversando no Palácio do Planalto.

Como político de bastidores, o deputado Sarney não foi pródigo na elaboração de projetos de lei na Câmara dos Deputados. Redigiu poucos e nenhum foi aprovado. Já um literato, o congressista propôs que o Executivo, através do Ministério da Educação e Cultura, abrisse crédito especial de 15 milhões de cruzeiros para custear a edição das obras completas de João Francisco Lisboa.

Trampolim

A bossa nova lhe serviu como trampolim político e Sarney passou em seu segundo mandato a ser vice-líder udenista e posteriormente vice-líder da maioria durante o governo Jânio Quadros. Ao mesmo tempo em que ganhava destaque nacional, o deputado não perdia de vista a política estadual e enquanto se tornava vice-presidente do diretório nacional da UDN, em 1961, elege-se presidente do diretório regional do partido no Maranhão.

O golpe de 64 patrocinado pela UDN faz com que Sarney passe a integrá-lo de corpo e alma. No entanto, os seus frequentes pedidos de reforma social incomodavam algumas autoridades. Eleito governador maranhense em 1966, ele coloca em sua assessoria alguns comunistas e pessoas ligadas à esquerda. Amigos alertam-no de que os militares estavam preocupados com o precedente. E que ele estava na alça de mira das cassações. Passa temeroso alguns meses sem que nada ocorra, mas não demite os assessores.

Findo o mandato governamental em 1970, Sarney vem para Brasília ocupar uma das cadeiras de senador, pela Arena. Maduro, já não detém mais aqueles arroubos juvenis que possuía quando deputado. Na época, o presidente do Senado, senador Petrônio Portella, também arenista, faz um discurso em plenário anunciando que pretendia implantar na Casa um sistema de processamento de dados para auxiliar o trabalho dos parlamentares. Sarney levanta-se, e dirige-se ao microfone apartando o presidente do Senado. «Mais importante que a instalação das máquinas é o que será colocado dentro delas» — inquiriu Sarney.

Portella se irritou com a intervenção e os dois romperam por muitos anos. A reconciliação só veio às vésperas do governo Figueiredo quando o senador piauiense acenou a Sarney com a possibilidade do representante maranhense ocupar o Ministério da Educação. Mas o general Figueiredo pressionado pelo irmão, colocou Eduardo Portella no cargo.

Com a morte de Petrônio Portella em 1980, o senador José Sarney, vai visitar o corpo do ministro no hospital. Ao retornar comenta com amigos que a cena foi deprimente: «O Petrônio estava nu sobre uma mesa. Veja só como a vida é. Há poucas horas ele era poderoso e agora está largado sobre uma bancada de azulejos» — lamentou.

Durante seus dois mandatos como senador (1970-78, 1978-1984), José Sarney foi mais fecundo na elaboração e apresentação de projetos no primeiro. A Lei Sarney, aprovada este ano quando ele ocupa a Presidência da República é desta época. Ele a apresentou três vezes: em 72, 75 e 80. Mas só teve poder para aprová-la como presidente da República.

Um dos projetos de maior repercussão política, apresentado por Sarney é o que institui o voto distrital. A matéria aguarda hoje vaga na fila para a entrada na ordem do dia do Senado. Apesar dos desmentidos, o Presidente tem um carinho especial pelo tema mas não quer vê-lo aprovado na forma original, garantem assessores.

Se durante seu mandato presidencial Sarney continuar a defender proposições apresentadas quando parlamentar, outros temas importantes poderão vir à tona. Entre as 39 proposições entregues à Secretaria-Geral do Senado, quatro merecem destaque: a que obriga a aposentadoria do trabalhador rural por velhice; a que trata do acesso de mercadorias brasileiras a mercados estrangeiros; a que dispõe sobre a lavra de minérios, e a que cria o fundo de importação e fixação de cientistas estrangeiros.